

Vamos ouvir as crianças?



**Caderno de metodologias participativas
do Projeto Criança Pequena em Foco**

Vamos ouvir as crianças?

Caderno de metodologias participativas
do Projeto Criança Pequena em Foco

Rio de Janeiro, 2013
CECIP

CECIP

Diretor executivo Claudius Ceccon
Coordenadora de projetos Claudia Ceccon



PROJETO CRIANÇA PEQUENA EM FOCO

Coordenação Beatriz Corsino Pérez
(nov/2011 - set 2012)

Flora Moana Van de Beuque
(out/ 2012 - atual)

Equipe Anna Rosa Amâncio
Claudia Ceccon
Claudius Ceccon
Marina Dantas Jardim

VAMOS OUVIR AS CRIANÇAS?

Organização Equipe Cecip

Texto Beatriz Corsino Pérez
Marina Dantas Jardim

*Criação da metodologia e
facilitação das oficinas* Beatriz Corsino Pérez
Marina Dantas Jardim
Anna Rosa Amâncio

Projeto gráfico e ilustrações Claudius Ceccon

Editoração eletrônica Shirley Martins

Revisão Lorenzo Aldé
Flora Moana Van de Beuque

Fotografias Beatriz Corsino Pérez,
Marina Dantas Jardim,
Anna Rosa Amâncio e
Crianças moradoras do Santa
Marta e da Babilônia

Realização



Agradecemos, principalmente, a todas as crianças que participaram do Projeto **Criança Pequena em Foco**, compartilhando conosco suas opiniões e ideias.

Esse trabalho também não seria possível sem as instituições parceiras. Somos muito gratos a toda equipe do Instituto Pereira Passos e da UPP Social, da Escolinha Tia Percília e da UNAPE. Em especial a Tia Percília, Vera Rufino, Maria José Bezerra, Maria Lucia Lara, Simone Valadares, Vivian Paula da Silva, Elizabete Borges, Joseli Nogueira e Iolanda Cavalcanti, pela confiança e apoio durante as oficinas.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
V295

Vamos ouvir as crianças? [recurso eletrônico] : caderno de metodologias participativas Projeto Criança Pequena em Foco / [organização CECIP ; textos de Beatriz Corsino Pérez, Marina Dantas Jardim ; ilustrações Claudius Ceccon]. - Rio de Janeiro : CECIP, 2013. 48 p., recurso digital : il.

Formato: PDF

Requisitos dos sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-99946-07-7 (recurso eletrônico)

1. Educação - Brasil. 2. Educação - Aspectos sociais 3. Ensino - Metodologia 4. Livros eletrônicos. I. Pérez, Beatriz Corsino II. Jardim, Marina Dantas III. Centro de Criação de Imagem Popular.

13-2223.

CDD: 370.981

CDU: 37(81)

05.04.13 11.04.13

044058

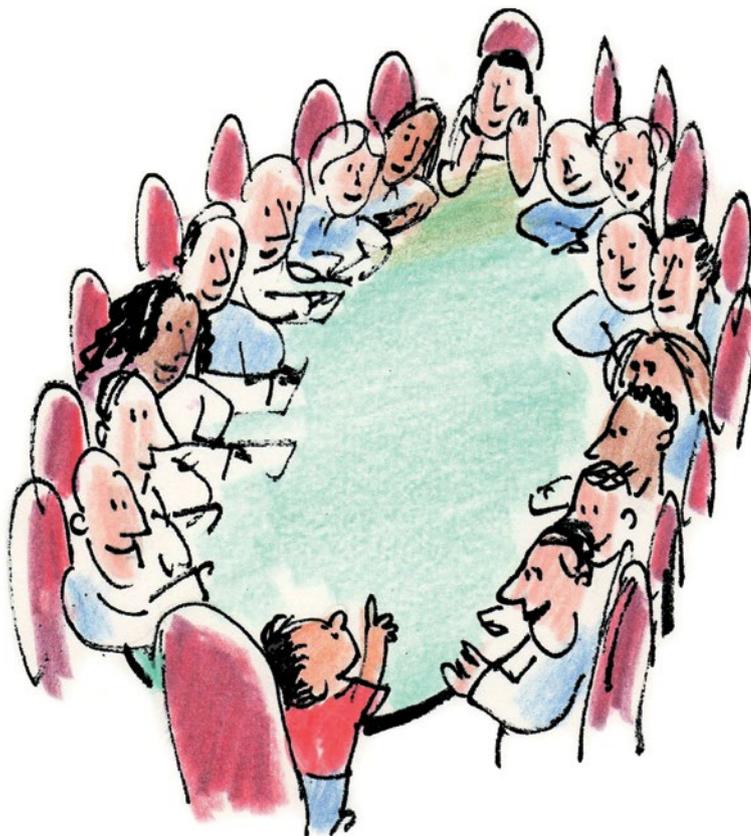
Apresentação

Este Caderno de Metodologias é fruto das experiências de participação com crianças, desenvolvidas no projeto *Criança Pequena em Foco* ao longo do ano de 2012.

O objetivo foi promover um espaço onde as crianças pudessem falar e trocar impressões sobre os lugares onde moram, os seus modos de vida, o que gostam de fazer, os espaços que frequentam, as dificuldades e os problemas que enfrentam em seu cotidiano. Para isso foram realizadas oficinas reunindo, ao todo, cerca de 100 crianças, com idades entre 4 e 12 anos, frequentadoras de instituições comunitárias e moradoras das favelas Santa Marta, Babilônia e Chapéu-Mangueira, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, Brasil.

Pretendemos, aqui, divulgar as metodologias utilizadas nas oficinas, para que

servam de subsídio a diferentes atores interessados nas opiniões das crianças sobre os lugares onde vivem.





Foram elaboradas dez propostas de atividades a serem realizadas em grupos. Estas propostas foram construídas a partir de um referencial teórico-metodológico que considera as crianças capazes de agir e transformar o seu entorno, no momento presente de suas vidas.

Essa perspectiva muda a concepção tradicional, que considera as crianças como seres passivos, sem opinião, ideias ou vontade próprias, que devem aguardar um momento no futuro distante para se tornarem cidadãos e, só então, poderem participar ativamente da sociedade.

Incluir a participação das crianças na construção de políticas públicas e no planejamento urbano é um grande desafio. As crianças merecem atenção específica, uma vez que frequentemente o poder público não prioriza a construção de espaços de lazer onde possam brincar e estabelecer trocas culturais nos lugares onde moram.

As oficinas apresentadas neste Caderno podem servir como estratégias para incluir as opiniões e necessidades das crianças na orientação de políticas públicas e projetos de intervenção na infraestrutura e nos equipamentos urbanos a elas destinados.



Como organizar e realizar oficinas

A oficina é uma forma de trabalho em grupo que visa promover um espaço de fala, troca e ação entre os participantes e os facilitadores. Nela, os participantes podem dar suas opiniões e criar conjuntamente soluções para os problemas que os afetam. As crianças, assim como os adultos, são portadoras de saberes e, quando abordadas de maneira sensível e paciente, podem falar sobre o que vai bem e o que vai mal em suas vidas. A oficina é uma das formas de se chegar a esse saber específico da criança, que fala a partir de um lugar social.

Alguns aspectos a que os facilitadores devem prestar atenção na hora de realizar oficinas participativas com crianças:

1. Facilitadores - Para uma melhor organização da oficina e para que todas as crianças sejam ouvidas ao longo do trabalho, é preferível que o grupo seja conduzido por uma dupla de facilitadores. Um facilitador fica responsável por propor as atividades durante a oficina e por conduzi-la. O outro fica atento aos materiais necessários, ajuda a chamar a atenção das crianças para a atividade e fazer o registro do encontro. As oficinas

também podem ser realizadas em trios – nesse caso, o terceiro facilitador divide as tarefas com o segundo, fazendo as anotações no caderno, ao mesmo tempo em que fotografa ou grava vídeos.

2. Tamanho do grupo – Para que as falas das crianças sejam ouvidas e debatidas pelo grupo, é melhor que o número de participantes varie de 4 a 12 pessoas: a oficina requer a pluralidade de opiniões que surgem a partir da discussão coletiva. Além disso, caso o grupo seja muito pequeno, a presença de dois facilitadores pode fazer com que as crianças se sintam inibidas.

3. Registro e reflexão – É comum que os facilitadores tenham expectativas sobre como as crianças deveriam se comportar e quais falas deveriam surgir nas oficinas. Isso acaba fazendo com que o facilitador não escute o que elas estão dizendo, e perca a riqueza do que foi produzido durante o encontro. Somente depois, ao refletir sobre o que foi regis-

trado, o facilitador compreende o que aconteceu, podendo se surpreender com o conteúdo e a forma como as crianças deram suas opiniões. Por isso é muito importante fazer anotações na hora da atividade e um relatório mais detalhado posteriormente, com uma reflexão sobre o que foi registrado.

4. Idades – As metodologias apresentadas neste Caderno são sugestões para o trabalho com crianças de idades entre 4 e 12 anos. No entanto, uma oficina com crianças de 5 anos é bem diferente de uma oficina com crianças de 10, por exemplo. É preciso sempre adequar a proposta de trabalho à faixa etária do grupo, de tal forma que a atividade seja compreendida e aproveitada pelos participantes.

5. Imprevistos – Os facilitadores precisam planejar as atividades, sabendo com clareza os objetivos da oficina e organizando com antecedência o material a ser utilizado. Ainda assim, numa



oficina pode haver muitos imprevistos. Os facilitadores têm de ter jogo de cintura e inventar soluções criativas para os problemas e descompassos que possam surgir. Sabendo o objetivo do trabalho, fica mais fácil adotar novas estratégias caso a que foi originalmente planejada não funcione com aquele grupo.

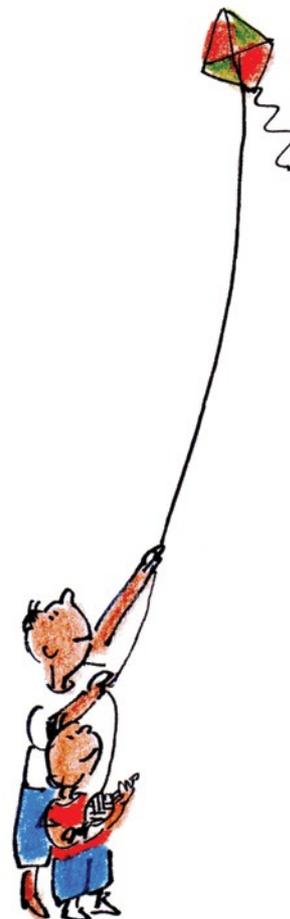
6. Duração – As oficinas devem respeitar o “tempo” do grupo. Quando as crianças começarem a ficar dispersas ou demonstrar desinteresse pode ser o momento de mudar de atividade ou de encerrá-la. Em geral, uma oficina dura cerca de uma hora, podendo se estender até no máximo duas horas, caso tenham sido planejadas diferentes atividades.

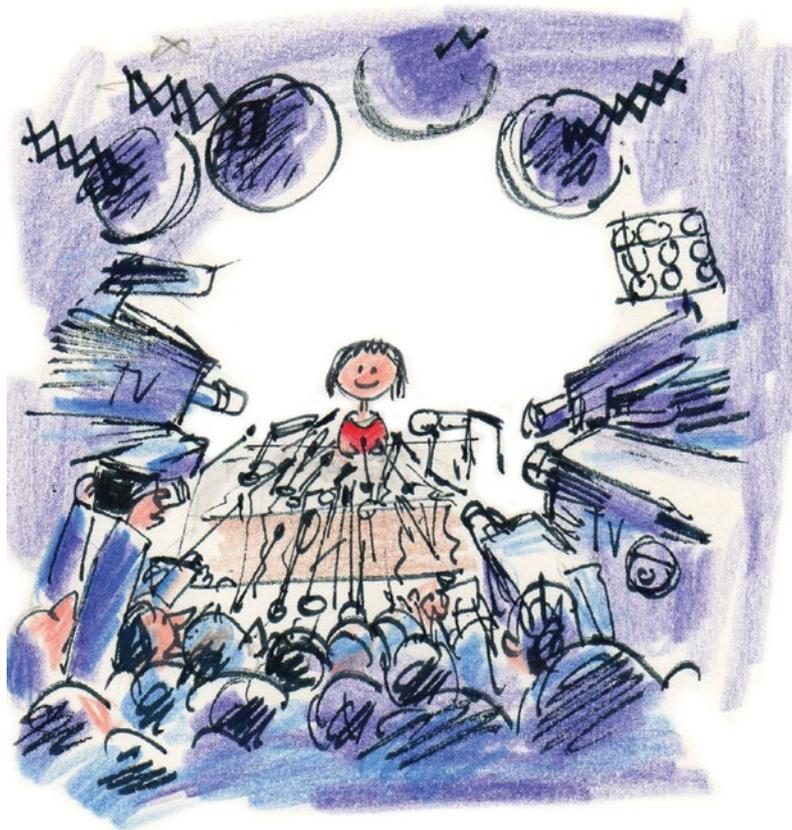
7. Contato prévio – Antes de começar o trabalho, os facilitadores devem procurar conhecer os projetos e os trabalhos já realizados com as crianças na instituição onde as oficinas serão desenvolvidas. Fazer esse contato prévio com a direção, educadores e outros profissionais,

pode ajudar a mobilizar outras pessoas que tenham interesse na proposta. O facilitador pode adaptar alguma atividade bem-sucedida que já tenha sido realizada na instituição. Assim, o saber local é valorizado e as oficinas ficam mais integradas à dinâmica institucional.

8. Assuntos de interesse – É fundamental que a proposta de trabalho esteja inserida num conjunto de temas que faça parte do cotidiano das crianças. Os facilitadores devem recorrer a assuntos próximos à vida delas. Muitas vezes, eles precisam ser persistentes ao explicar as atividades e ao fazer indagações; o mesmo assunto pode ser perguntado de diferentes maneiras para que o grupo possa compreender o que está sendo proposto.

9. Início, meio, fim – É importante criar um percurso para a oficina, isto é, ter um início, um meio e um encerramento da atividade. O trabalho deve sempre começar com a explicação sobre o que





será feito e o seu objetivo. Após a realização das atividades programadas, os facilitadores devem propor ao grupo uma reflexão final para encerrar a oficina. Nesse momento as crianças podem falar sobre o que acharam do trabalho, os pontos positivos e negativos do pro-

cesso. Caso a oficina seja composta por dois ou mais encontros, é importante que os facilitadores ajudem as crianças a lembrar o que aconteceu no encontro anterior, retomando algumas falas para, então, dar início à atividade daquele dia. Dessa maneira, cria-se um encadeamento dos encontros.

10. Autorizações – Os responsáveis pelas crianças devem estar cientes da oficina e autorizar a participação delas. Uma reunião com responsáveis ou o envio de uma circular são formas de apresentar a proposta da oficina e esclarecer as possíveis dúvidas sobre o processo. Caso o encontro seja registrado em vídeo ou fotografia, é indispensável pedir a autorização de uso da imagem das crianças, explicando como se pensa utilizá-la. Finalmente, a oficina não pode ser obrigatória, muito menos ser interpretada como um castigo para as crianças.

Propostas de atividades





1 *Confeção de Crachás*

Objetivo: *Apresentar o grupo e estabelecer uma relação de confiança e proximidade entre os facilitadores e as crianças.*

Para começar, cada criança diz seu nome acrescentando outras informações pessoais, como a idade, o local onde mora, a escola onde estuda, algo que goste de fazer, lugares onde costuma ir, etc. As perguntas variam de acordo com o objetivo da oficina e a faixa etária do grupo.

Em seguida, é distribuído um crachá para que cada criança escreva o seu nome ou como gostaria de ser chamada, e faça desenhos da maneira que desejar. Durante a confecção do crachá, as crianças podem falar livremente sobre suas vidas. O momento lúdico que essa atividade propicia torna mais divertido e rico o primeiro contato entre facilitador e crianças, uma

vez que todos podem contar histórias e descobrir afinidades.

No projeto *Criança Pequena em Foco* realizamos esta atividade em todas as oficinas, pois percebemos que o momento de confecção dos crachás foi muito prazeroso para as crianças.

Nas oficinas, com a criação de desenhos e a escrita dos nomes, as crianças se apresentaram aos facilitadores, mostrando suas características pessoais, e interagiram com colegas e adultos a partir de signos que elas mesmas propuseram. Elas capricharam na confecção dos crachás e queriam usá-los durante todos os dias de oficina. No último dia, algumas crianças pediram para levar o crachá para casa, como uma lembrança do projeto. Outras preferiram que essa recordação ficasse com os facilitadores dando-lhes de presente os seus crachás.



Duração média:
20 minutos



Porta-crachá de plástico, papéis coloridos, canetas hidrocor, lápis de cor e giz de cera.



2 *Leitura do livro Crianças como você*

Objetivo: *Fazer com que as crianças entrem em contato com diferentes culturas, além de refletirem sobre o lugar onde moram e o seu modo de vida.*

O livro *Crianças como você*¹ mostra crianças de várias partes do mundo, com seus diferentes hábitos e costumes. Sua leitura em grupo é um disparador para conhecer melhor as crianças participantes da oficina, seu cotidiano, sua organização familiar e seu local de moradia, entre outros aspectos.

Enquanto a leitura é feita, algumas perguntas podem ser propostas, como por exemplo: “Como é o lugar onde você mora?”, “Como é a sua casa?”, “Como é sua família?”, “Qual a comida que você

mais gosta?”, “Quais as suas brincadeiras favoritas?”, “Como é a sua escola?”.

Após a leitura e a conversa sobre os modos de vida das crianças, elas podem fazer desenhos sobre o que mais lhes chamou a atenção durante a atividade. Enquanto elas produzem seus desenhos, os facilitadores têm a oportunidade de fazer outras perguntas e provocações.

No projeto *Criança Pequena em Foco*, distribuímos entre os participantes da oficina alguns bonecos de papelão representando os personagens do livro, de modo a tornar o momento de leitura mais divertido e interativo (anexo 1). Esta foi uma ideia bem-sucedida, pois as crianças quiseram brincar com os bonecos ao longo da atividade, tornando o encontro mais dinâmico e animado.



Duração média:
45 minutos



Livro *Crianças como você*, lápis de cor, canetas hidrocor, giz de cera, papel A4, bonecos de papelão. Para a confecção dos bonecos: papelão, xerox das imagens do livro, palito, cola, tesoura, fita crepe.

¹ - Kindersley, B.; Kindersley, A.; 1995.



3 *Brincadeira Lugares da comunidade*

Objetivo: *Conhecer a relação das crianças com a comunidade onde moram e a forma como interagem com seus espaços.*

A brincadeira começa com a narrativa da seguinte história: “Era uma vez um grupo de crianças que nunca tinham ido à comunidade “X”. e que vieram passar um dia aqui para brincar com vocês. Elas souberam que aqui tem muitos lugares legais e ficaram com muita vontade de conhecer tudo!”.

Em seguida, o facilitador inicia uma conversa com as crianças, perguntando quais lugares iriam escolher para passear com os visitantes e do que brincariam em cada lugar.

É proposto que as crianças sugiram os espaços da comunidade onde gostariam de levar o visitante. Elas são organizadas em subgrupos com até quatro pessoas

para debater e escolher os lugares a serem representados, através de desenhos, colagens, etc, em um papelão, criando cenários (anexo2). Quando estes estiverem prontos, cada subgrupo apresenta o que fez, explica porque escolheu aquele lugar e conta sobre as brincadeiras que faz ali. Após conhecerem todos os lugares representados pelos colegas, as crianças podem escolher um cenário para brincar.

Os facilitadores podem oferecer panos e outros objetos que ajudem as crianças a brincar em cada um dos espaços criados por elas.

Outra forma de tornar a atividade animada é fazer com que as crianças escolham um cenário para brincar e, ao som de uma buzina, corram para outro cenário. Após todos os participantes terem circulado pelos diferentes espaços produzidos, a atividade poderá ser encerrada.



Duração média:
45 minutos



Caixas de papelão grande, tesoura, cola, cartolina colorida, lápis de cor, caneta hidrocor, giz de cera, buzina, panos e objetos aleatórios.



Crianças de 4 e 5 anos, moradoras da favela Santa Marta, produzindo e brincando com os cenários durante a atividade.





No projeto *Criança Pequena em Foco*, um subgrupo desenhou um campinho de futebol. Durante a brincadeira as crianças transformaram o cenário em uma televisão, que estava passando uma partida de futebol, e, em seguida, em um jogo de vídeo-game. Outros lugares desenhados pelas crianças foram a escola,

o bondinho que vai para a parte alta do morro, a igreja e a padaria.

Foi interessante notar que, ao brincar livremente, o grupo atribuiu novos sentidos àquele objeto, revelando outros interesses que compõem o universo dessas crianças.



4 *Jogo Os caminhos das crianças*

Objetivo: *Conhecer e compreender a perspectiva das crianças sobre os caminhos que percorrem na comunidade, as coisas boas e ruins que vivenciam quando estão fora de casa.*

O encontro começa com os facilitadores perguntando às crianças sobre o caminho que percorreram para ir de suas casas até o lugar onde está sendo realizada a oficina. Algumas perguntas que podem ser feitas: “Quem trouxe vocês para cá?”, “Vocês encontraram com alguém?”, “Tinha algum bicho no caminho?”, “Vocês sentiram algum cheiro, tipo: pão quente, lixo, café?”. Após essa conversa, propõe-se às crianças que escolham um trecho do caminho por onde passam para desenhá-lo em um pequeno pedaço de papel.

Em seguida, esses desenhos são colados em um tabuleiro do jogo, produzido

pelos facilitadores, completando um percurso do início até o final (anexo 3).

As regras do jogo: quando alguém cair numa casa do tabuleiro com um símbolo positivo, deve falar sobre uma coisa boa da comunidade e andar duas casas; quando parar numa casa com um símbolo negativo, deve falar sobre uma coisa ruim e voltar uma casa. As crianças não podem repetir a mesma coisa boa ou o mesmo problema que as outras já falaram. Quando alguém cair numa das casas correspondentes a um desenho, deve contar para os outros se conhece aquele lugar e o que costuma fazer por lá.

No projeto *Criança Pequena em Foco* realizamos esta atividade com crianças de 5 a 7 anos. Elas trouxeram questões importantes da comunidade onde moram. A oficina provocou reflexão, divertiu e cativou o grupo. No encontro seguinte as crianças lembraram do jogo e pediram para brincar outra vez.



Duração média:
45 minutos



Papel cartão, cartolina, tesoura, cola, dado, pinos (quantidade de acordo com o número de crianças), pedaços de papel em branco, lápis de cor, caneta hidrocor, giz de cera.



5 Como se brinca na rua?

Objetivo: Entender o universo de brincadeiras infantis e a forma como as crianças se apropriam dos espaços da comunidade para seus encontros sociais, atividades lúdicas e recreativas.

Nesta atividade, são utilizadas como disparador da conversa algumas imagens de brincadeiras de rua, de meninas e meninos brincando juntos ou de brinquedos de diferentes épocas. O intuito é despertar a curiosidade e fazer com que as crianças reflitam sobre as brincadeiras de que mais gostam, com quais pessoas brincam e que lugares frequentam para brincar.

No início da oficina as imagens são mostradas para as crianças e os facilitadores propõem algumas perguntas, como: “Vocês conhecem essas brincadeiras?”,

“Já brincaram disso aqui na comunidade?”, “Será que seus pais ou irmãos mais velhos brincavam disso?”, “Do que vocês gostam de brincar?”, “Com quem vocês brincam?”, “Onde vocês brincam?”.

Em seguida, o foco da conversa passa para a relação entre as brincadeiras e os espaços utilizados pelas crianças. É o momento de propor perguntas como: “Onde ficam?”, “Como são os lugares de brincar na sua comunidade?”, “Com quem vocês vão?”, “Vocês podem ir sozinhos para lá?”.

Pode-se pedir às crianças que desenhem, individualmente, as brincadeiras de que mais gostam e os espaços que frequentam para brincar. Depois, elas apresentam o que fizeram para o grupo. Colados em uma cartolina, esses desenhos formam um painel dos espaços usados pelas crianças.



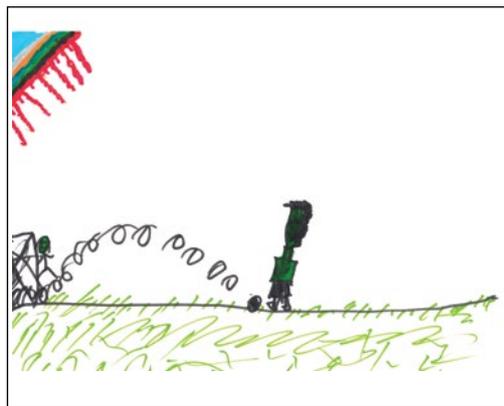
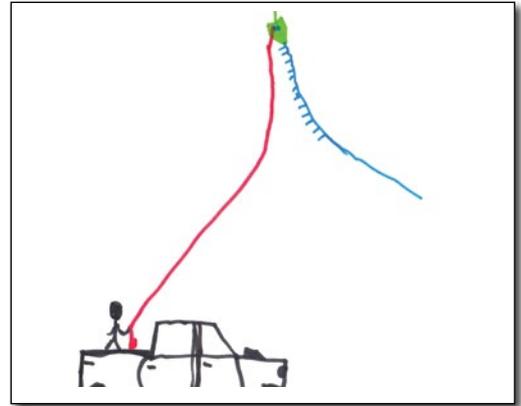
Duração média:
45 minutos

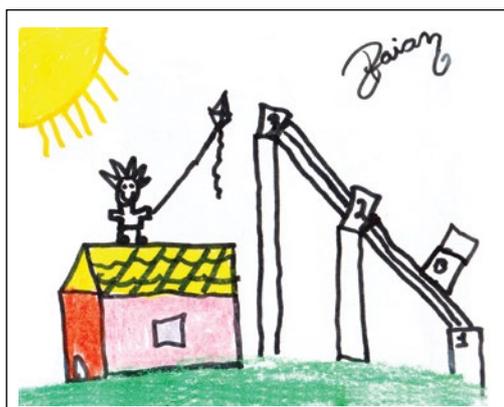
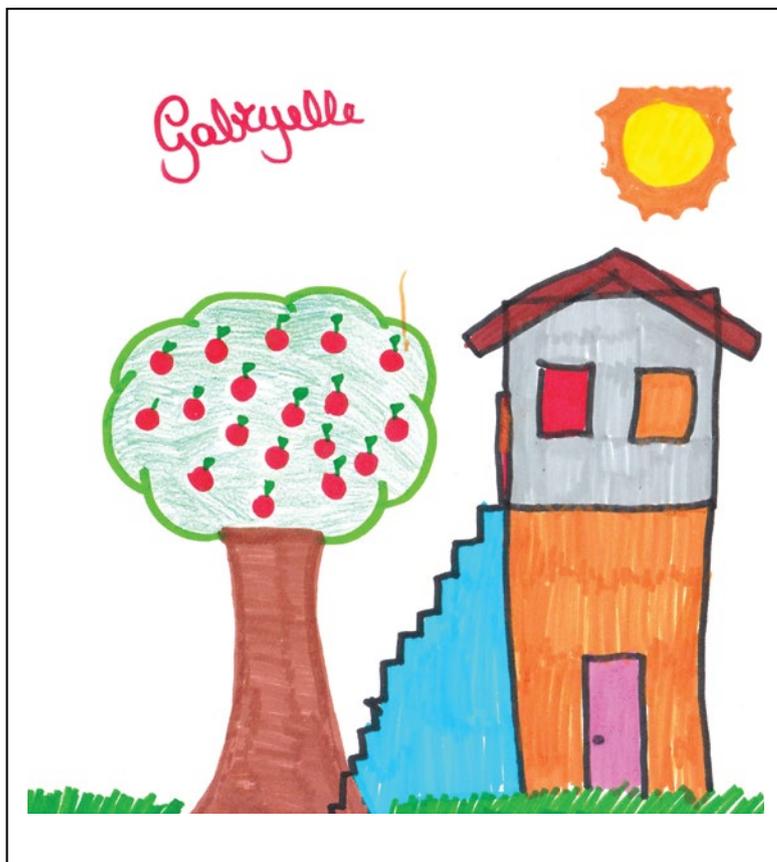


Imagens de brincadeiras de rua coladas em papel cartão, folhas A4 em branco, caneta hidrocor, giz de cera e lápis de cor.

Quando realizamos essa atividade no projeto *Criança Pequena em Foco* ficamos surpresos com a variedade de brincadeiras que as crianças conheciam. Elas gostavam de soltar pipa, jogar futebol, brincar de casinha, de bambolê, de diferentes tipos de pique, bolinha de gude, bat-beg, entre outras. A maior parte das

brincadeiras relatadas pelas crianças era realizada coletivamente em espaços fora da casa. A partir da brincadeira, elas se relacionavam com os vizinhos, usavam as áreas compartilhadas da favela, como becos, praças, quadras, fazendo com que tivessem um amplo conhecimento do lugar onde moram.





Desenhos feitos pelas crianças que participaram das oficinas nas favelas Santa Marta e Babilônia.



6 *Mapa afetivo*

Objetivo: *Produzir com as crianças um mapa que contenha os lugares significativos para elas, como os espaços onde, circulam, estudam, moram, brincam, etc. Além disso, sinalizar os lugares onde elas não podem ou não costumam ir.*

No início da atividade os facilitadores mostram para as crianças um mapa ampliado da comunidade (anexo 4). O mapa deve estar colado no centro ou em um dos lados da cartolina, deixando espaço para as legendas e para o título, que serão escolhidos pelas crianças.

A atividade pode ocorrer de duas maneiras. Caso os facilitadores já tenham perguntado para as crianças sobre os espaços que elas frequentam, serão

apresentados cartões com esses locais já escritos. Durante a oficina, cada criança sorteará um desses cartões e tentará localizar o lugar no mapa com a ajuda dos colegas, marcando-o com um adesivo.

Caso os facilitadores ainda não saibam quais lugares da comunidade as crianças costumam frequentar, serão oferecidos cartões em branco para que cada criança escreva o nome ou desenhe um lugar que seja importante para ela, localizando-o depois no mapa.

Os cartões com os nomes dos lugares são colados na cartolina ao lado do mapa, para servir de legenda. O mesmo tipo de adesivo (cor e/ou formato) usado no mapa para sinalizar os locais é colado junto ao respectivo nome, na legenda.

Os facilitadores pedem a cada criança que conte uma história que viveu ou que



Duração média: 1 h



Mapa, cartolina, caneta hidrocor, giz de cera, lápis de cor, adesivos coloridos.



Crianças moradoras das favelas Babilônia e Chapéu Mangureira durante atividade de construção do Mapa Afetivo.

ouviu sobre o lugar sorteado ou escolhido. Os colegas podem complementar com outras histórias e vivências que tiveram naquele espaço.

Depois que todas as crianças falarem sobre um lugar afetivo da comunidade, o grupo pode escolher outros espaços para sinalizar no mapa. Pode-se perguntar se existem lugares onde as crianças não vão e porquê não vão, e estimulá-las a imaginar as mudanças e melhorias que gostariam nos espaços que foram comentados durante a atividade.

Ao final, o grupo decide como gostaria de chamar o mapa. As crianças dão diferentes sugestões, até chegarem a um acordo.

No projeto *Criança Pequena em Foco* realizamos esta atividade com crianças de 8 a 10 anos. Foi uma experiência que rendeu muitas histórias e discussões entre o grupo, que participou intensamente da construção do mapa. Esta metodologia ajuda bastante na compreensão da relação das crianças com os espaços da comunidade, os diferentes usos que elas

fazem de cada lugar e os seus desejos de mudança.

As crianças brincavam em becos, campinhos, pracinhas, e conheciam muito bem a favela.





7 Linha do Tempo

Objetivo: *Compreender a opinião das crianças sobre as mudanças que ocorreram ao longo do tempo na comunidade onde moram, em que medida elas modificam o seu cotidiano e trazem outras perspectivas de futuro.*

Esta atividade é mais adequada a crianças mais velhas, que podem ter lembranças de outros momentos da comunidade. Realizamos no *Projeto Criança Pequena em Foco* a Linha do Tempo com crianças de 9 a 12 anos.

Ela começa com uma conversa sobre a vida das crianças. Os facilitadores propõem perguntas: “Como é o dia-a-dia de vocês?”, “Para qual lugar da comunidade vocês mais gostam de ir?”, “Quais são suas brincadeiras preferidas?”.

Depois os facilitadores fazem perguntas que remetam às experiências do passado: “O que vocês faziam quando eram bem pequenos?”, “Com quem passavam o dia?”, “Como era a comunidade naquela época?”, etc. Deve-se permitir que as crianças expressem livremente suas lembranças, de tal forma que se crie um ambiente acolhedor para essas memórias.

A seguir, busca-se falar do que as crianças desejam para o futuro delas e da comunidade, utilizando perguntas como: “Como será aqui no futuro?”, “Quem estará morando aqui?”, “Quais mudanças vocês gostariam que acontecessem?”.

A partir da conversa, os facilitadores pedem às crianças que desenhem individualmente, em um pequeno pedaço de papel, alguma lembrança sobre o seu passado na comunidade, algo sobre o seu presente e o que desejam para o futuro.



Duração média:
40 minutos.



Três cartolinas coloridas, pequenos papéis brancos, cola, fita crepe, caneta hidrocor, giz de cera, lápis de cor.

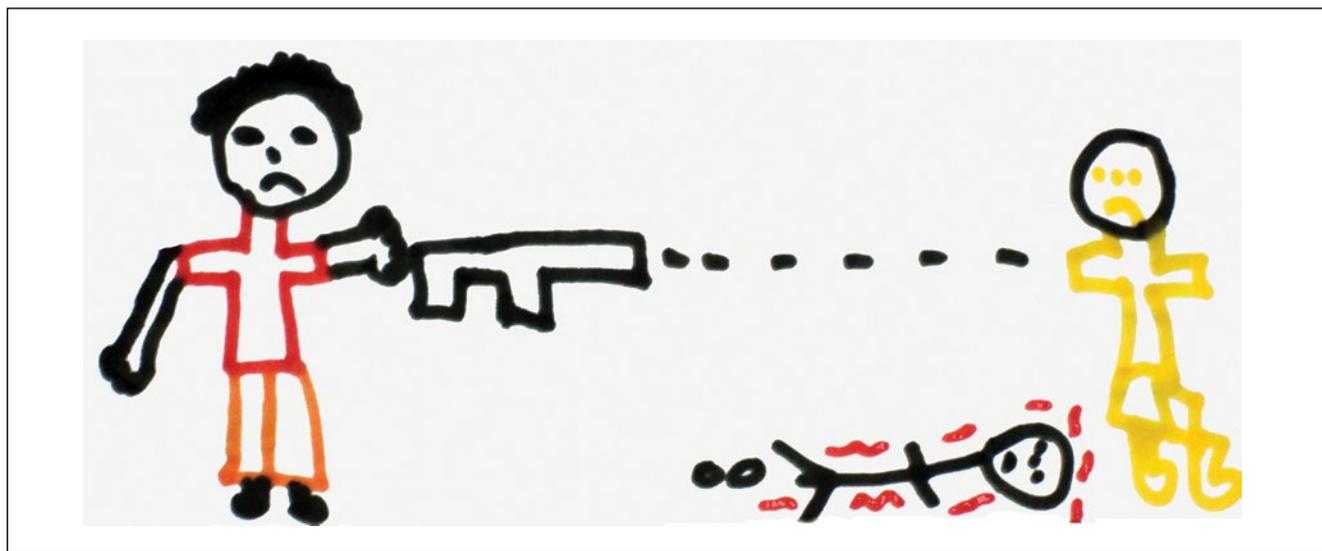


Crianças moradoras da favela Santa Marta durante a atividade Linha do Tempo e os cartazes produzidos por elas.

Em seguida, são apresentadas três cartolinas coloridas, coladas umas nas outras, formando uma grande tira em que cada cor indica um tempo. As crianças colam seus desenhos na cartolina, classificando-os de acordo com o momento escolhido. No final, terá sido construída uma linha do tempo representando alguns marcos que diferenciam momentos de suas vidas e da comunidade.

Em uma das oficinas realizadas no projeto **Criança Pequena em Foco**, quando perguntamos sobre o passado na sua comunidade, as crianças contaram muitas histórias de violência e de conflitos entre

policiais e traficantes. Dado o contexto atual dessa favela, na qual está em curso um novo programa de policiamento chamado UPP - Unidade de Polícia Pacificadora, as crianças se mostraram mais otimistas e com expectativas de melhorias para o lugar onde moram, tais como o aumento da oferta de cursos e atividades para crianças e jovens, novas escolas, mais tranquilidade e segurança. Apesar de serem temas delicados, as crianças se sentiram confiantes para abordá-los no grupo e expressar suas opiniões sobre as dificuldades que viveram e suas expectativas em relação ao futuro.





8 O que é bom e o que é ruim na sua comunidade?

Objetivo: Promover o debate entre as crianças sobre os problemas e as coisas boas do lugar onde moram, e construir conjuntamente propostas de mudança.

Para um melhor aproveitamento dessa atividade, é aconselhável que ela seja feita em dois encontros. Dependendo da faixa etária do grupo, a proposta pode ser simplificada ou ampliada.

Os facilitadores reúnem as crianças em dois subgrupos. Um deles produzirá um cartaz sobre as coisas que as crianças consideram boas da comunidade, o outro sobre as coisas ruins. Cada um pode desenhar, escrever ou utilizar fotografias e imagens para representar suas opiniões. Após a confecção, os facilitadores pedem a cada subgrupo que apresente seu cartaz, explicando sua escolha de

imagens, textos e desenhos. Caso o número de participantes da oficina seja pequeno, pode ser proposto que não haja subgrupos: as mesmas crianças pensam os aspectos positivos e negativos. Isso também pode ser feito individualmente, em uma folha A4.

No segundo momento da oficina, os facilitadores propõem uma conversa centrada nos problemas, guiada pelas perguntas “Por que isso acontece?”, “Quem sofre com esse problema?”, “Como a gente pode resolver isso?”.

A dinâmica acontece da seguinte forma: uma criança seleciona um dos problemas representados no cartaz e as três perguntas são respondidas coletivamente; em seguida, outra criança seleciona outro problema e novamente o grupo discute e dá suas opiniões sobre as três perguntas.



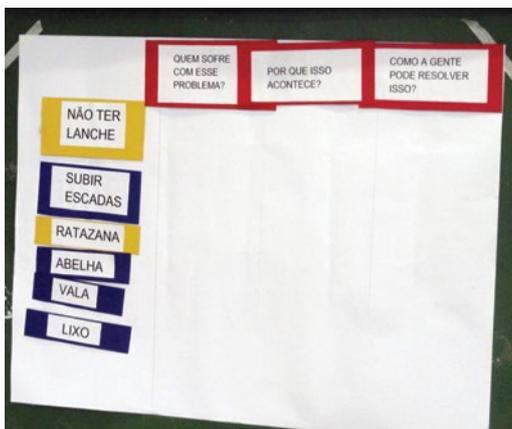
Duração média:
Duas oficinas de 1h ou
uma de 2h.



Folhas de papel A4,
cartolinas, papel 40kg
para a tabela, caneta
hidrocor, lápis de cor,
giz de cera, revistas
ou fotografias da
comunidade, cola e
fita crepe.



Cartazes produzidos pelas crianças da favela Santa Marta sobre os problemas e as coisas que consideram boas do lugar onde moram.



em um painel de cartolina colorida e expostos no mural.

No projeto **Criança Pequena em Foco**, uma menina fez o desenho abaixo, mostrando o que gostaria que existisse na sua comunidade. Segundo ela, haveria árvores, uma praça com brinquedos, um bondinho para ajudar a subir e descer as ladeiras do morro e uma venda onde pudesse comprar balas e lanches.

Os facilitadores utilizam as respostas para preencher uma tabela feita num papel grande ou no quadro. Na tabela, as colunas são as três perguntas e cada linha é um problema. Vale deixar linhas vazias para que as crianças complementem com outros problemas que não foram abordados inicialmente.

Também pode ser proposto que as crianças façam um desenho sobre como os problemas seriam resolvidos, quais melhorias desejam para a sua comunidade e como poderiam contribuir para isso. Essa atividade visa incentivar a criatividade das crianças, relacionada aos desejos que têm para o lugar onde moram. Os desenhos podem ser colados



Desenho feito por uma criança moradora da favela Babilônia, mostrando seus desejos para a comunidade.



9 *Vídeo Jornal das Crianças*

Objetivo: *Incentivar o protagonismo das crianças na denúncia dos problemas da comunidade.*

Com um vídeo, as crianças têm a oportunidade de falar para os adultos e para outras crianças sobre as dificuldades que enfrentam no cotidiano e as mudanças que gostariam que fossem feitas em sua comunidade.

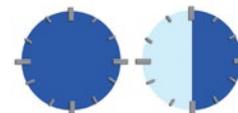
Antes é preciso sensibilizar o grupo em relação à temática dos problemas do lugar onde moram, a partir de algumas dinâmicas já descritas aqui, como “O que é bom e o que é ruim na sua comunidade” e o jogo “Os caminhos das crianças”.

No segundo encontro será gravado o vídeo. Os facilitadores relembram o que foi conversado no encontro anterior sobre os problemas e as propostas para

resolvê-los. Em seguida, propõe-se a produção de um telejornal. As crianças são divididas em dois subgrupos, com a missão de pensar nas perguntas que gostariam de fazer às outras crianças e aos adultos sobre a comunidade, como “Quais são os problemas?” e “Como eles podem ser resolvidos?”.

As crianças podem fazer perguntas sobre o que estiver acontecendo na comunidade naquele momento, como obras e eventos, além de histórias, curiosidades e outras coisas que gostariam de saber sobre o lugar onde moram.

Depois dessa discussão, as crianças de um subgrupo se vestem como repórteres e fazem as perguntas para o outro. Os facilitadores levam câmeras para que as próprias crianças se fotografem e filmem. Em seguida, o outro subgrupo, que no primeiro momento foi entrevistado,



Duração média:
1h30min.



Papel, prancheta, caneta, câmeras fotográficas, fantasias (paletós, gravatas, colete etc.).



Crianças moradoras das favelas Babilônia e Chapéu Mangueira durante a atividade **Jornal das Crianças**, entrevistando funcionários que trabalham nas comunidades.

passa a atuar como repórter, entrevistando as outras crianças.

Uma proposta interessante é que as crianças também entrevistem adultos e outras crianças que não participaram da oficina, para ouvir suas opiniões. Os facilitadores podem conduzir as crianças para locais próximos, para a rua ou para outros espaços escolhidos por elas.

As entrevistas realizadas pelas crianças devem ser filmadas por um adulto para garantir que as imagens possam ser reproduzidas em meios de comunicação. Outra possibilidade é que as crianças já tenham vivenciado uma oficina de vídeo ou fotografia, para que saibam manipular esses equipamentos e editar as imagens.

Na experiência do projeto **Criança Pequena em Foco** com crianças do morro da Babilônia, essa metodologia permitiu que elas entrassem em contato com pessoas que estavam em áreas próximas ao local onde a oficina ocorreu.

Elas escolheram entrevistar dois operários que trabalhavam em uma obra de urbanização, um segurança e pacientes

que aguardavam o atendimento no posto de saúde. As crianças puderam perguntar coisas que lhes interessavam, interagindo com pessoas desconhecidas. Após o momento inicial de timidez, elas tiveram coragem para se dirigirem aos adultos, buscando saber mais sobre os problemas e as mudanças que afetam a comunidade.





10 *Passeio fotográfico*

Objetivo: *Revelar o olhar de cada criança sobre a comunidade onde mora.*

Fotografias feitas pelas próprias crianças falam muito sobre sua forma de perceber e interagir com o espaço em que vivem, sobre o que chama sua atenção e sobre o que gostam ou não gostam. Nessa atividade, os facilitadores organizam um passeio com a finalidade de auxiliar as crianças a fotografar o que veem no caminho.

Antes de começar o passeio é necessário fazer uma sensibilização das crianças sobre a sua relação com o lugar onde moram. A maior parte das atividades descritas anteriormente pode servir para isso. Outras atividades preliminares são: o planejamento com as crianças do trajeto que vai ser percorrido e uma ins-

trução básica de como utilizar a máquina fotográfica.

No dia do passeio, antes do grupo sair da instituição, os facilitadores devem checar com as crianças o trajeto e as regras combinadas, para que tudo corra bem. Para melhor organização do passeio, é preciso haver um número maior de facilitadores: em geral, um para cada quatro crianças, ficando responsável pelas máquinas fotográficas compartilhadas por elas.

As crianças fotografam livremente a rua, as pessoas, os bichos e as coisas que mais lhes chamarem a atenção no percurso. Os responsáveis pelas crianças podem participar do passeio, caminhando com o grupo pela comunidade ou oferecendo suas casas para serem visitadas.

É importante realizar um encontro posterior com as crianças. Elas mostram e comentam as fotografias tiradas, re-



Duração média:
No mínimo três encontros com a duração de 1h cada um.



Máquinas fotográficas
(uma para cada três crianças).



lembrando o que foi visto ao longo do passeio. Muitas vezes o que os adultos veem nas fotos não é o que a criança quis transmitir. Ao rever as fotos, as crianças podem dizer o que queriam mostrar com aquela imagem e por quê. Nesse momento, novas narrativas sobre o passeio e novos significados para as fotografias também podem ser produzidos pelo grupo.

Esse trabalho pode ser feito com crianças de várias idades. Na oficina realizada durante o projeto **Criança Pequena em Foco**, participaram crianças pequenas, de 4 e 5 anos. Elas, rapidamente, aprenderam a utilizar o equipamento e durante todo o trajeto exploraram as possibilidades da fotografia, que permite novos olhares para o que já lhes é familiar.

As crianças demonstraram ter domínio sobre o lugar onde moram e se sentiram à vontade para guiar os facilitadores pelos becos, apresentando suas casas, as de parentes e vizinhos, e os espaços que frequentam, como vendas, igrejas e lugares para brincar.

Além da riqueza do material produzido, foi um momento de troca muito prazeroso para todos.

Como resultado dessa atividade, foi feita uma exposição das fotografias tiradas pelas crianças. Assim, a experiência foi compartilhada com outras pessoas. Criamos legendas para as fotografias expostas, a partir das falas das crianças que apareceram nos encontros anteriores.

A exposição das crianças da favela Santa Marta foi levada a várias comunidades e teve um efeito multiplicador. Em Nova Brasília, no Complexo do Alemão, crianças que frequentam a Praça do Conhecimento realizaram um Passeio Fotográfico e expuseram suas próprias fotos, mostrando para a comunidade como veem e o que pensam do lugar onde moram.

Considerações finais

Este Caderno de Metodologia foi criado para apresentar algumas propostas de atividades sobre a relação das crianças com o lugar onde moram.

Oferecemos sugestões e descrevemos o passo-a-passo de como fazê-las, a partir da experiência com as crianças do projeto **Criança Pequena em Foco**.

As possibilidades apresentadas aqui podem ser reinventadas. Boa parte do prazer de fazer as oficinas está em criar as atividades de acordo com as circunstâncias. A partir da sua experiência e sensibilidade, cada facilitador pode inventar um jeito próprio de trabalhar.

A metodologia não é uma *camisa de força* para a elaboração das oficinas, mas uma referência, apenas. A partir das experiências dos facilitadores e das características de cada grupo, novas propostas serão construídas e adaptadas, em um aprendizado constante.

A metodologia aqui apresentada também pode servir de inspiração para que outros temas e questões sejam trabalhados e pesquisados com crianças. Mesmo que os objetivos sejam outros, as oficinas podem ser um importante instrumento para compreender as perspectivas das crianças e promover um espaço de diálogo e participação.





Sugestões de leitura

Para ler com as crianças:

BOTINNE, E. *Mãe da Rua*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

COLOMBO, N. *Perto*. São Paulo: Kalandraca, 2010.

KINDERSLEY, B.; KINDERSLEY, A. *Crianças como você*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

MEIRELLES, R. *Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

QUEIRÓS, B. C. *Correspondência*. Belo Horizonte: RHJ, 2004

Textos sobre infância, cidade e metodologia participativa:

CASTRO, L. R. *Aventura urbana*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2004.

CASTRO, L. R. (Org.). *Subjetividade e Cidadania: um estudo com crianças e jovens em três cidades brasileiras*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.

CASTRO, L. R. & BESSET, V. L. (Orgs.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Trarepa/ FAPERJ, 2008.

CRUZ, S. H. V. (org.) *A criança fala - a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008.

CHRISTENSEN, P.; JAMES, A. *Investigação com crianças – Perspectivas e práticas*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2005.

DEBORTOLI, J. A.O; MARTINS, M.F. A.; MARTINS, S. (Org). *Infâncias na metrópole*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

KRAMER, S. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cadernos de Pesquisa*, 116, p. 41-59, 2002.

PEREIRA, R. M. R.; SALGADO, R. G.; JOBIM E SOUZA. S. Pesquisador e criança: dialogismo e alteridade na produção da infância contemporânea. *Cadernos de Pesquisa*, 39 (138), 2009.

SILVA, J. P.; BARBOSA, S. N. F.; KRAMER, S. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. *Perspectiva*, 23 (01), p. 41-64, 2005.

VASCONCELLOS; V. M. R.; SARMENTO, M. S. (Org.). *Infância (in)visível*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

VOGEL, A.; LEITÃO, G.; VOGEL, V. L. *Como as crianças vêem a cidade*. Rio de Janeiro: Pallas, 1995.



Anexos

Anexo 1

Passo-a-passo da criação do boneco

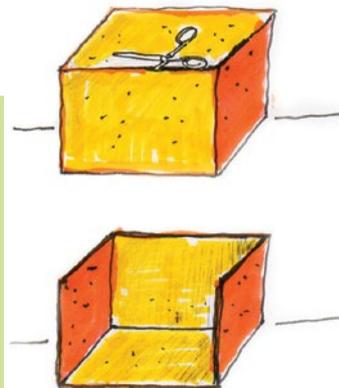
- 1- Selecionar algumas imagens de personagens presentes no livro.*
- 2- Xerocá-las em tamanho original ou ampliado.*
- 3- Recortar pedaços de papelão do tamanho das imagens dos personagens.*
- 4- Colar estas imagens nos pedaços de papelão.*
- 5- Com fita crepe, fixar um palito na parte de trás do papelão para dar sustentação ao boneco.*



Anexo 2

Passo-a-passo da construção do cenário

- 1. Pegue uma caixa de papelão grande e recorte o maior lado.*
- 2. Restarão 3 faces (duas pequenas e uma grande), forre-as com cartolinas onde serão feitos os desenhos.*



Anexo 3

Passo-a-passo da construção do jogo de tabuleiro

- 1- Use uma folha de papel cartão, formato A3 (mais ou menos 40cm x 30cm) para fazer a base do tabuleiro.*
- 2- Numa cartolina de cor diferente do papel cartão, desenhe um caminho em zigue-zague com as casas do jogo.*
- 3- Recorte o caminho produzido na cartolina e cole no papel cartão.*
- 4- Desenhe em algumas casas símbolos negativos para os “problemas da comunidade” e símbolos positivos para as “coisas boas”.*
- 5- Indique um ponto de “partida” e um ponto de “chegada” para o jogo.*

Anexo 4

Onde conseguir o mapa?

Os mapas utilizados nas oficinas realizadas no Projeto Criança Pequena em Foco foram retirados do site da UPP Social. Nesse site estão disponíveis informações sobre os territórios da cidade do Rio de Janeiro com UPP - Unidade de Polícia Pacificadora. Acessar: <http://www.uppsocial.org/>

Os mapas de outras regiões poderão ser copiados do site google em que estão disponíveis imagens aéreas. Acessar: <https://maps.google.com/maps?hl=pt-PT>



“Vamos ouvir as crianças?” é um convite para que educadores, cientistas sociais, arquitetos, urbanistas e outros profissionais, escutem as opiniões e os desejos das crianças. E que os integrem na elaboração de políticas públicas e na criação de projetos de intervenção em infraestrutura e equipamentos urbanos a elas direcionados.

Esta publicação é fruto das experiências de participação com crianças desenvolvidas no projeto **Criança Pequena em Foco** pelo CECIP. Com o objetivo de promover um espaço de troca entre as crianças e o poder público, foram realizadas oficinas em que elas puderam falar sobre os lugares onde moram e frequentam, o que gostam de fazer, como é o seu modo de vida, as dificuldades e os problemas que enfrentam em seu cotidiano, e as suas expectativas em relação ao futuro.

As propostas de atividades reunidas neste Caderno de Metodologia se baseiam num referencial teórico-metodológico que considera as crianças como capazes de agir e transformar o seu entorno, não em um futuro distante, mas no momento presente de suas vidas.

Realização



Projeto Criança
Pequena em Foco

Apoio



Bernard
van Leer
FOUNDATION